



S. LUIZ DO SENEGAL.

Tomamos hoje do *diario d'un official da marinha franceza*, nos annos de 1852 a 1854, a seguinte descripção da ilha que é objecto da nossa gravura.

Expressa-se nos seguintes termos:

VOL. II. — 4.^a SERIE.

«S. Luiz, com as suas ruas estreitas, e as suas casas alinhadas de modo que uma não avança mais do que a outra, figura mui bem uma taboa de multiplicação. Em geral as habitações não teem mais de um andar, porém são commodas, AGOSTO, 14, 1858.»

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

bem arejadas, e agradáveis. Os jardins só contêm flores e palmeiras, únicas plantas que podem crescer n'este solo arido; a cidade está construída n'um banco de areia, de meia legua de comprimento, e duzentos passos de largura, formando uma ilha no meio do rio Senegal. São n'ella pouco numerosos os grandes edificios, afóra os quarteis. O porto contém muitos armazens de provisões.

«A população de S. Luiz divide-se em muitas classes: os brancos, os habitantes indigenas, e os pretos. Os brancos compõem a população fluctuante da cidade; a maior parte são commerciantes, e passam vida triste e sedentaria, constantemente encerrados nas suas lojas e armazens. Os indigenas possuem a terra, e fazem-na cultivar pelos pretos. Suas filhas, que se chamam *senhoras*, vivem livres, e muito á sua vontade; pois chegam a deixar furtivamente a mãe e irmãs, para irem viver com os amantes, cujos appellidos tomam, e de quem dirigem os negocios, até que a estes apraza casar com ellas.

«Pelo que respeita aos negros, comprehendidos sob a denominação geral de *laptotas*, uns vão pelo rio acima comprar gomme aos povos do paiz alto, ou fazem cabotagem pela costa; outros cultivam o solo mediante o respectivo salario, ou se alistam na milicia indigena. Os *yolofs* dedicam-se especialmente a este mester; e são, sem duvida, os mais formosos negros da Sene-gambia; verdadeiros athletas, bellicosos, e doces. Uma tunica de algodão, raiada de diversas côres, que lhes desce até á meia coxa; calça larga da mesma fazenda, dando pelo joelho, e deixando nu o resto da perna; um pequeno barrete, á feição do dos gregos, ou um chapéo de palha com aba grande, é o seu vestuario, simples e commodo. Uma espingarda comprida e pesada; uma faca de dois gumes, curta e larga, mettida n'uma bainha de pau pintado de encarnado; um saquinho de pelle contendo as balas; um polvarinho de chavelho; tudo pendente d'um cinturão de coiro, completam o armamento do guerreiro *yolof*.

«Quando os vi fazer exercicio, simulavam a tomada d'uma fortaleza. Tinham a duzentos passos levantadas na frente palissadas de madeira, de certa resistencia, e elevação. Quando receberam ordem de atacar, principiaram um canto guerreiro, ao principio monotono, e lento, e depois repentinamente vivo, misturado de estranhos gritos. Assim cantando, avançaram jogando as espingardas, com incrível destreza, ao ar, e agarrando-as, sem que uma vez só lhes caissem no chão. A cincoenta passos das palissadas formaram em columna cerrada. Apenas tinham dado alguns passos assim formados, o chefe deu uma voz, e todos se lançaram de bruços. É o primeiro stratagem que empregam para evitar o fogo do inimigo. Nesta posição ficaram mais de tres segundos. Á segunda voz levantaram-se, e correram contra o intrincheiramento, que ultrapassaram e destruíram n'um momento.

Tudo isto lançando sempre gritos selvagens como no principio do ataque. O exercicio ao alvo que se seguiu depois, mostrou-me que os *yolofs* raras vezes erram; e que todos se podem reputar mui destros.

«Tendo eu manifestado desejos de ver estes povos mais de perto, B. . . , que me acompanhava, propoz-me embarcarmos n'uma canôa, e irmos á aldêa de Guet'n'dar que fica defronte de S. Luiz, na margem direita do rio. Aceitei. Chegados ao caes, tivemos de escolher entre as muitas pirogas, que fazem serviço diario entre S. Luiz e Guet'n'dar.

«Esta pequena aldêa, admiravelmente construída n'um oiteiro areoso, e que faz parte das possessões francezas, compõe-se d'algumas centenas de casas, quasi todas habitadas por *yolofs* pescadores.

«Um d'elles conduziu-nos á sua cabana, e offereceu-nos vinho de palma para nos refrescar. Nenhum licor forte pode dar idéa do vinho que se nos apresentou. Foi impossivel bebel-o, e o *yolof* ficou muito admirado. «O vinho que offereço aos chefes brancos, disse elle, é o melhor que tenho: ha tres dias que o tirei» (os negros deixam passar dias para o envelhecer, e dar-lhe mais força). «Os chefes brancos, repliquei, preferem-no mais fresco.» O nosso hospede foi então buscar algum que tinha do mesmo dia. Apesar da nossa boa vontade, não pudemos despejar os nossos copos de madeira; mas o *yolof* fello em nosso lugar. Devo confessar que é uma horrivel bebida o tal vinho de palma; e apesar d'isso os pretos arriscam diariamente a vida para obterem o necessario para seu consumo. O tronco da palmeira, elevando-se até vinte e oito metros, termina n'um ramilhete de fructos e folhas. É no principio d'este ramilhete que os negros fazem um buraco quadrado, onde introduzem folhas enroladas á guisa de tubos, destinadas a escorrer-lhe o liquido nas cabaças. Para subirem a tão prodigiosa altura, empregam cordas, por onde trepam ao cimo da arvore. Quando finalmente, de sobresalto em sobresalto, lá chegam, firmam solidamente as cordas, formando como uma especie de cadeirinha em que se assentam, e depois d'esta perigosa manobra ficam em tal posição o tempo necessario para encherem as cabaças, que depois pendem á cintura.

«O *yolof* mostrou-nos depois a sua habitação. Era uma casa redonda, que teria vinte pes de diametro. As paredes eram feitas de cannas, e estavam adornadas com remos e redes de pesca, supportando o tecto de palha, de forma conica, principiando dois metros acima do solo. Uma espingarda, e um polvarinho, estavam pendurados por cima da porta da entrada, unica abertura que esclarecia o interior. Em frente da porta, quatro estacas, sobre as quaes descansavam travessas, sustentavam um encanstramento, formando o leito do nosso hospede. Uma esteira tecida de certas hervas, e um grosso tronco de

arvore, serviam, a primeira de cobertura, e o segundo de travesseiro. Esta casa principal communicava com outra, que servia de cosinha. A respeito de mobilia não vi mais do que alguns vasos de barro, e uma pequena pá redonda; que serve como de peneira para a farinha de milho. A mulher do yolof, ao mesmo tempo que cosinhava o jantar, que constava de peixe cosido, entretinha-se em tecer uma tanga. São estas feitas de algodão do paiz, entrelaçado com fios de seda de côr, e com essas sedas as mulheres de S. Luiz, e de Guet'n'dar, mui habéis n'este trabalho, fazem desenhos mais ou menos complicados. O preço da tanga varia, segundo a qualidade e riqueza dos desenhos: vi algumas que valiam quarenta e oito mil réis.

«Despedimo-nos do yolof. Quatro ou cinco vigorosos remeiros pretos nos conduziram a bordo, apesar do perigo da navegação pelo Senegal.

OS ÚLTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

VII.

Continuação

Os quatro annos que decorreram desde o reconhecimento da princeza D. Joanna, até a morte de Henrique IV são o periodo de maior anarchia de que houve exemplo nos annos de Castella. Em quanto a côrte estava engolphada em banquetes, e festas sumptuosas, a administração da justiça existia perfeitamente abandonada por todó o reino, e os magnates commettiam extorsões, roubos, assassinatos e violencias, sem que a autoridade publica podesse por nenhum modo castigar, e ainda menos impedir os seus criminosos e ousados commettimentos.

Para se fazer idéa da deploravel situação do paiz citaremos alguns trechos de uma carta de Fernando del Pulgar, o chronista que depois foi dos reis catholicos, ao seu amigo bispo de Coria, deão de Toledo, carta escripta de Madrid segundo se suppõe no outono de 1473. (1)

Reverendo senhor: increpa-me vossa mercê porque não escrevo novas da terra: já, senhor, estou cansado de vos escrever algumas vezes: porem assentei-me com o proposito de escrever particularmente as mortes, roubos, incendios, injurias, assoadas, desafios, violencias, apartamentos de gente, rupturas que cada dia se fazem abundanter em diversas partes do reino. e

(1) O bispo de Coria, a quem Fernando del Pulgar se dirige, era D. Francisco de Toledo, natural da cidade do mesmo nome, de uma familia de judeus conversos. Estudara em Lerida, d'onde a rainha D. Maria de Aragão o enviara a sua custa estudar a Paris.

são por nossos peccados de tão má qualidade, que Trogo Pempéo teria bastante que fazer em referir sómente as *acontecidas em um mez*. Já vossa mercê sabe que o duque de Medina com o marquez de Cadiz (1), o conde de Cabra com D. Alonso de Aguilar (2) tomaram a cargo destruir toda aquella terra da Andaluzia, e metter moiros quando algum dos partidos se vê em aperto. Isto sempre acontece quando as discordias são vivas e cruas, e crescem com mortes e com roubos que se fazem uns aos outros cada dia. Agora teem treguas por tres mezes, porque dêem logar a semear, que toda a terra estava arrasada, em parte pela esterilidade do anno passado, em parte pela guerra que não dava occasião a lavrarem-se os campos. Os irmãos do duque que morreram na batalha (3): os cavalleiros de uma parte e d'outra, roubados, desterrados, homisiados, e tornados inimigos com guerras e encontros em toda aquella Andaluzia são tantos que será difficil de contallos. Do reino de Murcia vos posso bem jurar, senhor, que o reputamos tão alheio já da nossa natureza como o reino de Navarra: porque carta, mensageiro, procurador nem questor, não vem de lá nem vae de cá ha mais de cinco annos. (4)

«A provincia de Leão tem a cargo destruir o *clavero* que se intitula mestre de Alcantara (5) com alguns alcaides e parentes que ficaram seus successores na inimidade do mestre fallecido. O *clavero sive* mestre, dorme sempre com a lança na mão, ás vezes com cem lanças ás vezes com seiscentas. O senhor mestre de Santiago ajuda a outra parte: uns dizem que para recobrar Man-

(1) A cidade de Sevilha esteve dividida em dois bandos alguns annos: o do duque de Medina-Sidonia D. Henrique de Guzman, e o do marquez de Cadiz D. Rodrigo Ponce de Leon. Deram-se entre elles sanguinosas batalhas, e só em Sevilha pelejaram encarnicadamente durante tres dias. A rainha Isabel poz termo a estes excessos no anno de 1477.

(2) O que se passava na cidade de Sevilha entre o duque de Medina-Sidonia, e o marquez de Cadiz, acontecia em Cordova, entre D. Diogo Fernandes de Cordoba conde de Cabra, e D. Affonso de Aguilar, senhor de Montilla.

(3) Em uma das escaramuças que a gente de Sevilha, que estava pelo duque, teve com a guarnição de Alcalá de Guaidara, que era occupada pelo marquez de Cadiz, morreram D. Pedro e D. Alonso de Guzman, irmãos bastardos do duque, e ficou prisioneiro outro seu irmão chamado D. João.

(4) No reino de Murcia dominava a familia dos Fajardos, os quaes exerciam a dignidade de Adiantado.

(5) D. Alvaro Monroy *clavero* de Alcantara, que se fez eleger mestre, era um dos mais esforçados, e indomaveis guerreiros d'aquellas eras. A academia real da historia publicou no seu *Memorial Historico Hespanhol* uma chronica dos *Hechos de Don Alvaro de Monroi, Clavero y Mestre de Orden de Alcantara por Alonso de Maldonado*. 1853. Este Alonso de Maldonado fôra criado de D. Alvaro de Monroy.

tauches, que é a chave de toda aquella terra, e lh'a tem o *clavero* occupada: outros dizem que para alcançar o mestrado de Alcantara: basta dizer a vossa mercê, que aquella terra está toda cheia de homens de armas, para saber como deve ir. D'este nosso reino de Toledo tem o encargo Pedrarias (1), o marechal Fernando (2), Christovão Bermudez (3). Vasco de Contreras. (4), Levantam-se agora outros maiores, *scilicet* o conde Fuensalida, conde de Cinfuentes, D. João de Ribero, Lope Ortiz Stuniga, Diogo Lopes de Haro filho de João de Haro, desposado com a filha do conde Fuensalida, a que havia de ser condessa de Cinfuentes (5).

«Estes fazem guerra para que os deixem entrar nas suas casas: se entram, como são, de mau commodo (mala yácija) nunca hão de estar quietos dentro: se não entram, nunca estarão quietos com desejo de entrar. Se entrarem alguns que se trata que entrem, os que ficarem de fora necessariamente forcejarão por entrar de modo que não sei porque peccados aquella nobre cidade recebesse tão grandes, e espera receber maiores castigos. Que direi pois, senhor, do corpo d'aquella nobre cidade de Toledo, alcacer dos imperadores, aonde grandes e pequenos vivem uma vida bem triste por certo e desaventurada? Levantou-se o povo com D. João de Morales e prior d'Aroche (6) e lançaram fora ao conde de Fuensalida, e a seus filhos e a Diogo da Ribera que possuía a fortaleza e a todos os do senhor mestre (7) os de fora expulsados tem feito guerra á cidade a cidade também aos de fora com o mesmo zelo da fé, queimaram o lugar de Burguilhos: (8) e fizeram tanta guerra aos de dentro, que chegou a valer o cozer de um pão um maravedi por falta de lenha.

(1) Pedrarias d'Avila, era irmão de D. João de Arias, bispo de Segovia; e era um dos capitães que serviam ao arcebispo de Toledo D. Affonso Carillo.

(2) O marechal Fernando de Ribadeneira: teve parte nos tumultos de Toledo.

(3) Capitão pratico e valente, que depois de haver servido ao rei D. Henrique contra o arcebispo de Toledo passou-se a Portugal. Foi preso na batalha de Albuhera de Merida, que ganhou D. Alonso de Cardenas, aos portuguezes, no anno de 1479, e degolado por justiça na villa de Lobon depois da batalha. Pulgar. Cronica part. II cap. 87.

(4) Tomou em 1471 pelo rei D. Henrique a fortaleza de Perales, que era do arcebispo de Toledo.

(5) O bispo de Badajoz D. Pedro da Silva, cunhado do conde de Fuensalida D. Pedro Lopes de Ayala, propoz-lhe que se consentia entrar em Toledo ao conde de Cinfuentes, que andava fora como inimigo, casaria este com sua filha D. Leonor.

(6) D. João de Morales, arcebispo de Guadaluja, e Francisco de Palencia, prior de Aroche, eram ambos conegos de Toledo.

(7) É o mestre de Santiago D. João Pacheco.

(8) Os de Toledo saquearam o lugar de Fuensalida por odio ao conde: os do partido d'este desforraram-se em Burguillos, povo da dependencia de Toledo.

«O rei para lá partiu, e fez ir comsigo o conde de Saldanha, para que uns e outros voltavam á sua obediencia. Prasa a Deus que eu seja falso adivinho, porque creio que não poderá sentenciar o conde: e se o sentenciar, não hade obedecer; e se obedecer, não se cumprirá a sentença; e cumprida, não durará, nem a razão para isso dá possibilidade. O que mais n'isto tenho visto perderé o senhor conde de Fuensalida, não tanto das suas rendas e bens que lhe queimaram e tomaram, ainda que é bastante, como da autoridade que pelo seu officio e pela sua pessoa tinha n'aquella terra. Isto digo porque as coisas andam contra elle tão contrarias, que foi chamado pela cidade Affonso Carrillo, ao qual lhe entregaram o officio da alcaidaria-mór. O que hade acontecer não sei: porém hoje em dia está tudo na mão do rei, que está na cidade como mediano entre elles. Medina, Valladolid, Toro, Zamora, Salamanca, e isso por ahí está debaixo da cubiça do alcaide de Castro Nuno. (1) Tem-se levantado contra elle o senhor duque de Alva para o cercar: e não creio que possa fazer nada pela ruim disposição do reino, e também porque aquelle alcaide está já criado servil (*gusano*) do rei D. Affonso, e tão inchado, que alcança cada vez que quer quinhentas e seiscentas lanças. Andam agora em contractos com elle para que dê segurança, e se não roube e mate. As guerras da Galliza (2) de que nos costumavamos arripiar, já as supponos civis e toleraveis, *immo licitas*. » (3)

Em quanto quasi todo o reino estava entregue á prepotencia dos grandes, o povo sentia renascer o seu odio aos conversos, e procurava reproduzir as horriveis carnificinas dos seculos anteriores. Os tumultos começaram em Cordova por occasião da procissão de caridade. Um ferreiro, homem conhecido pelo seu fanatismo religioso, viu a criada de um christão novo lançar uma pouca de agua sobre o palio debaixo

(1) Pedro de Mendanha, natural de Paradinas aldêa de Salamanca, alcaide de Castro Nuno, durante as dissensões entre Henrique IV e o principe D. Affonso: Pulgar escreve d'elle o seguinte: «E todos os grandes do reino d'aquellas comarcas lhe tinham medo, e lhe davam dadas para que lhes não fizesse guerra nas suas terras. E d'este alcaide tomaram exemplo muitos outros alcaides do reino que se pizeram a roubar e resgatar povos, a fazer e defender os crimes e maleficios que os roubadores faziam.» Pedro de Mendanha tomou o partido de Affonso V, e entregou a fortaleza em Junho de 1478, pactuando passar com os seus a Portugal. Vivia ainda no anno de 1480.

(2) A autoridade publica era desprezada; os moradores escravos do capricho e da arbitrariedade dos que podiam mais do que elles, não cumpriam os mandamentos dos reis: e convertida a paciencia em costume, não encontrava a violencia contradicção nenhuma.

(3) Quasi todos estes pormenores encontram-se na Illustracion III do Elogio de la Reina Catolica por D. Diogo Clemencin.

do qual ia a imagem de Nosso Senhor, e suppondo-se por allucinação, ou por malicia, que o liquido havia sido ourina, começou a vociferar contra semelhante opprobrio, pondo o povo da cidade em plena insurreição. Durante o combate que se seguiu depois entre os christãos novos, e os christãos velhos, o ferreiro fôra ferido, e recolhera-se a casa com poucas esperanças de vida: antes de expirar, fallou, e alguns homens astutos fizeram espalhar que o ferreiro resuscitara, exclamando que a injuria feita á religião e a sua injusta morte não se podiam expiar senão com o exterminio e saque dos judeus convertidos.

O povo deu largas á sua vingança: durante dois dias (desde 16 até 18 de Março do anno de 1473) foram saqueadas, e queimadas as casas dos conversos, e mortos todos os que se encontraram, sem differença de sexo nem idade. N'outras povoações como Montoraz, Adamur, Bujalance, Rambla, Sanctaella, e outros logares proximos de Cordova, repetiram-se scenas identicas: em Baena succederia o mesmo, se não fôra o conde de Cabra; em Xerez, se o não tivesse impedido o marquez de Cadiz e D. Frederico Manrique; e em Sevilha se não se mettesse de permeio com a sua influencia o duque de Medina-Sidonia, e outros fidalgos do seu partido.

Mas os dias de Henrique iv estavam contados. Tendo o mordomo André Cabrera dado um banquete ao rei e principes no dia de Epiphania (anno de 1474) nas casas do bispo, o rei quando findou a cêa sentiu-se doente, e retirando-se para o palacio, esteve de cama por alguns dias.

Fizeram-se preces pela sua saude, porém tendo algumas melhoras, nunca mais ficara inteiramente restabelecido. Apesar de Fernando e Isabel haverem visitado o rei, durante a sua doença, e de alguns partidarios d'elles lhe rogarem que confirmasse a ambos na successão do reino, nada puderam obter, sobretudo pela influencia que o mestre de Santiago continuava a exercer sobre o seu espirito.

Foi tambem o mestre de Santiago que persuadiu Henrique iv a tomar posse da cidade de Trujillo, para o apartar do lado de sua irmã. N'esta viagem aggravaram-se os seus padecimentos, e o mestre de Santiago, accommettido de uma inflammação na garganta, expirou na aldêa de Santa Cruz, a duas leguas de Trujillo, «lançando, diz o chronista, muito sangue pela bocca.» (1)

(1) E n'este anno no 1.º de Outubro morreu o mestre de Santiago D. Juan Pacheco em uma aldêa de Trujillo, que se chama Santa Cruz de la Sierra, o qual está enterrado no mosteiro del Parral de Segovia, na capella principal que el-rei D. Henrique havia fundado para si. Anales Breves del reynado de los reyes catolicos por el dr. Lorenzo Gálvez Carvajal, na Coleccion de Documentos para la Historia de Espana, Tomo xviii.

Henrique iv ficou profundamente sensibilizado pela morte do seu antigo valido, a quem perdôara as anteriores offensas, e ao qual restituira a sua plena confiança. Honrou a sua memoria dando a seu filho o marquez de Vilhena as alcaidarias de todas as cidades, villas e fortalezas, que seu pae tivera, e nomeando-o grã-mestre de Santiago sem consultar previamente os grandes do reino, nem mesmo os cavalleiros da ordem. Isto provocou a indignação dos fidalgos e prelados, que mais e mais se tornaram addictos ao partido dos dois principes. Com o intuito de sustentar no grã-mestrado ao seu novo valido, o rei fez diversas marchas e expedições, fadigas a que o seu corpo debilitado não pôde resistir, e a 11 de Dezembro de 1474 expirou em Madrid com cincoenta annos de idade. A linha da varonia de Trastamara, que reinara em Castella por mais de um seculo, ficou extincta pela sua morte.

Ha diversas opiniões sobre se Henrique iv deixara ou não testamento. O seu capellão e chronista Henrique de Castillo nada declarou a este respeito. Affonso de Palencia, partidario acerrimo dos reis catholicos, e inimigo constante de Henrique iv, diz somente que interrogado sobre quem lhe havia de succeder, respondera que o seu secretario João Gonzales diria a sua intenção. Fernando del Pulgar cita as palavras que dictou ao seu secretario, em que somente encarregava a dois executores testamentarios das disposições de sua alma, (as albaças de su anima) e que com outros quatro fossem os protectores de sua filha D. Joanna. O Cura dos Palacios é o unico chronista contemporaneo que se refere a uma clausula, que «se dizia» haver existido, na qual declarava a D. Joanna por sua filha, e herdeira.

N'uma chronica até ha pouco inedita, publicada no nosso tempo, que já repetidas vezes temos citado n'este nosso trabalho, encontra-se o seguinte:

«Anno de 1474. Este anno no dia dos Reys estiveram suas altezas e o senhor rei D. Henrique em Segovia, nas casas do bispo, que estão perto da sé. E d'ali foi el-rei em Maio a Carrion, aonde o conde de Benavente escapou, e d'ahi foi lançado pelo duque do Infantado e seus parentes. E a rainha nossa senhora (D. Isabel) esteve n'ella até que el-rei D. Henrique fallecesse no palacio de Madrid domingo á noite vespera de Santa Luzia a doze de Dezembro d'este anno. E sem embargo de que o chronista diga não fez testamento senão uma memoria que se encontrou em poder de João de Oviedo seu secretario, a verdade foi que fez testamento, e n'elle deixou por sua herdeira dos reinos de Castella aquella D. Joanna que se dizia sua filha e que jurou era sua filha e deixou por testamentarios ao marquez de Vilhena e ao conde de Benavente e ao bispo de Siguenza: e este testamento deixou João de Oviedo em poder de um clerigo cura de Santa Cruz de Madrid, o qual com mui-

tas outras certidões o levou n'um cofre e o enterrou perto da villa de Almeida, que é no reino de Portugal, porque não lhe fossem tomadas. E isto veio á noticia da rainha, mediante um certo aviso que lhe deu o bacharel Fernão Gomez de Herrera, visinho de Madrid, que era amigo do dito cura, ao qual e ao dito cura enviou sua alteza desde Medina del Campo no anno de 1504 estando já mal disposta da enfermidade de que falleceu, para trazer o dito cofre com as ditas escripturas, e trouxeram-lh'o poucos dias antes que fallecesse, e não o pôde ver, pela sua indisposição, e ficou tudo no poder do dito Fernão Gomez: e mediante o licenceado Zapata, do conselho, a quem o dito Fernão Gomez avisou, fallecida a rainha, soube-o o rei catholico, que ficara por governador dos reinos, e dizem que o mandou queimar. Outros dizem e affirmam que ficara em poder d'aquelle licenceado Zapata: e por este serviço ao dito Fernão Gomez se lhe fizeram depois algumas mercês, entre as quaes lhe foi dada uma alcaldaria da côrte, á similhaça do servo que deu ao povo romano a escriptura de que se faz menção na lei 2.ª ff. de orig. Jus. Porém como aquelle acto de jurar o rei D. Henrique, que a dita D. Joanna era sua filha, o tivesse feito muitas vezes, como se lê na sua chronica, não se de maravilhar que para encobrir que dava a sua mulher aos seus validos o continuasse aconselhado pelos mesmos. (1)

Damião de Goes refere esta mesma opinião na sua chronica attribuindo-a a um chronista anonymo, mas rejeita-a como mentirosa: «Tanto que el-rei D. Henrique falleceu no Alcaçar de el-rei em Madrid que foi aos doze dias do mez de Dezembro do anno do Senhor de 1474 em idade de cincoenta annos, o cardeal de Castella, e o duque de Arevalo, e o marquez de Vilhena, e o conde de Benavente, que el-rei deixou por seus testamenteiros, vendo como el-rei declarava em seu testamento a princeza D. Joanna por sua filha, e herdeira unica de todos os seus reinos e senhorios, e el-rei D. Affonso por governador d'elles, e como lhe pediu muito que tomasse este governo a cargo, e fosse tutor da princeza D. Joanna, e casasse com ella: no mesmo instante por pessoa de confiança mandaram o testamento a el-rei D. Affonso, que n'este tempo estava em Elvas, e esta é a causa porque se não achou em Castella. O autor incerto no seu summario, no qual escreveu de verbo ad verbum os testamentos dos reis D. Fernando e D. Isabel, finge aqui uma grande chimera pelas palavras seguintes. El-rei D. Henrique que falleceu em Madrid domingo vespera de Santa Luzia doze de Dezembro de 1474, e disse que D. Joanna era sua filha, e jurou que era sua filha, e deixou por seus testamenteiros o marquez de Vilhena, o conde de Benavente, e o bispo de Siguenza

e este testamento deixou João de Oviedo em poder de um clerigo cura da Santa Cruz de Madrid, o qual com muitas outras coisas escriptas o levou em um cofre, e o enterrou a par da villa de Almeida, que é no reino de Portugal, por que lh'o não tomassem: e isto veio á noticia da rainha catholica por meio de um aviso, que lhe deu o bacharel Fernão Gomez de Ferreira visinho de Madrid, que era amigo do cura, ao qual, e ao mesmo cura sua alteza mandou de Medina del Campo no anno de 1504 estando já mal disposta da doença, de que morreu, para que lhe trouxessem o dito cofre com as ditas escripturas, e lh'o trouxeram poucos dias antes que fallecesse, e não o pôde ver com sua má disposição, e ficou tudo em poder do dito Fernão Gomez, e mediante o licenceado Zapata do conselho, a quem o dito Fernão Gomez avisou do negocio. Fallecida a rainha, o soube el-rei catholico que ficou por governador dos reinos, e dizem que o mandou queimar, outros affirmam que ficou em poder d'aquelle licenceado. D'esta tão manifesta ficção se podem julgar os tractos. (1)

Existisse ou não existisse o testamento, a questão de successão ficava sempre pendente. Henrique IV, apesar de se haver reconciliado com os principes, demonstrara á sua verdadeira ou supposta filha, a princeza D. Joanna, até ao derradeiro momento da sua vida, extremos e ternura de pae, e mantivera o ultimo juramento que se fizera em 24 de Novembro de 1470, no valle de Losoya, em favor dos seus direitos.

Um recente historiador, o senhor D. Modesto Lafuente (Historia general de Espana, Tomo VIII) caracteriza em energicas palavras o seu reinado: «Assim se viu o monarcha mais degradado e abjecto que nunca houve em Castella, e nunca desde a invasão dos sarracenos se havia visto o reino em situação tão miseravel e n'um estado tão triste, tão abatido e desastroso como no funesto reinado de Henrique IV. Entre outras questões que por falta de character e de constancia teve a torpeza de deixar pendentes, foi todavia a questão de successão.»

As razões em que se fundavam os partidarios da rainha Isabel para demonstrar a illegitimidade de D. Joanna, como já dissemos, eram: 1.ª Que o primeiro casamento com Branca de Navallo fôra dissolvido, depois de doze annos allegando-se publicamente impotencia reciproca. 2.ª Que a princeza Joanna, unica filha de sua segunda mulher Joanna de Portugal, nascera so depois de oito annos de matrimonio, e depois de haverem sido largamente notorias as suas aventuras. 3.ª Que ainda que Henrique IV tivesse tido muitas amazias, que elle mantinha de maneira que excitassem geral escandalo, nunca tivera descendencia de nenhuma d'ellas.

Para attenuar as presumpções que se derivam

(1) Anales Breves de Carvajal Anno 1474 — na Coleccion de Documentos: Tomo XVIII.

(1) Damião de Goes — Chronica do principe D. João — Cap. XII.

d'estes factos, bastara dizer que Henrique IV sempre amou e tratou a princeza D. Joanna como sua propria filha, e que Bertrand de la Cueva, duque de Albuquerque, que suppunham ser seu pae, em vez de combater pelos seus direitos como seria natural, depois da morte de Henrique IV, ligou-se immediatamente ao partido da rainha Isabel.

As suspeitas que infamavam o thalamo real, embora fossem verosimeis, não deviam nunca servir de pretexto ás ambições dos partidos: e quaesquer que fossem as convicções da rainha Isabel, não se pode deixar de reconhecer que o desejo de occupar o throno, depois da morte de seu irmão, entrou por muito nas duvidas que propoz acerca da legitimidade do nascimento da princeza D. Joanna. O verdadeiro juiz da questão era Henrique IV, e elle até ao ultimo suspiro chamava-lhe filha, e amava-a pelo menos com entranhas de pae verdadeiro.

A mesma desconfiança em tempos mais proximos de nos cercou o berço de Luiz XIV, e do proprio Luiz XIII, sem que a França nunca se pronunciasse em favor das pretensões dos que accenderam a guerra civil depois da Fronde (1). As dynastias nunca estariam seguras; se fosse licito aos partidos penetrar nos mysterios da vida domestica: este precedente seria o germen perpetuo de implacaveis discordias em Hespanha, se a casa de Austria não tivesse vindo succeder no throno aos reis catholicos.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IX

MANUSCRITO DO PADRE GASPAR.

Continuação

«Reconhecer n'ella a realidade da minha visão, ler na caduca folha de uma flor o meu destino, e erguer-me para afastar o canhão que me separava d'ella, foram actos tão simultaneos,

(1) O nosso Faria e Sousa na sua Europa Portuguesa (Tomo III pag. 148) claramente o manifesta quando escreve o seguinte: «O principe Condé, grande sujeito para alvoroçar um mundo, quanto mais um reino como o de França, vendo viuva a rainha mãe (D. Anna de Austria, mãe de Luiz XIV), irmã de D. Philippe IV e a seu filho rei menino; se levantou contra elles, publicando que elle era o legitimo herdeiro d'aquelle reino, por não ser o menino filho do rei defunto. Chegou esta asserção infamatoria aos ouvidos de Philippe IV que a festejou, que não só confirmou logo por boa a publicação infame contra a honra de sua irmã, senão que tambem logo soccorreu ao principe com grande somma de dinheiro, que vimos em cargas sair d'esta corte para sustentar a guerra, e com ella proseguir a alteração.

que mais tempo leve em referil-os do que empreguei em executal-os.

«E já bem longe ella ia d'ali! Corria como se uma fera a perseguisse!

«E coitado de mim! Esse, de quem ella tanto se afastava era um coração sequioso de amor, que pulsava por alcançal-a!

«Impellia-me, arrastava-me para ella um instincto secreto da natureza. Não havia eu amado ainda; e o sonho de que acabava de acordar, a similhaça do ente sonhado com o ente real que me apparecia, a hora, o local—tudo concorria para me allucinar.

«Qual o amante Leonardo, que o nosso Camões tão poeticamente introduziu no canto IX dos seus *Lusiadas*, eu corria apoz ella, soltando as minhas queixas, tão namoradas e sentidas como as do poeta soldado.

«Dizia-lhe que esperasse: que me não levasse consigo a vida, e que m'a restituísse! Que era feio, e muito feio, acordar um coração a innocencia, para o atormentar, e sem do nem piedade calcar as illusões, e reduzir ao nada os novos sentimentos porque as substituiu, no mesmo instante em que julgava passar a realidade! Exprobrava-lhe a tyrannia de me apparecer, ferir-me no intimo d'alma, e fugir-me, quando se eu a perseguia era para cair a seus pés, e confessar-lhe o novo sentimento que tão alvoroçado me ia pelo coração!

«Mas as minhas palavras perdiam-se ao vento, e não chegavam a seus ouvidos.

«Se as auras fagueiras lh'as conduzissem em suas azas, não seria, de certo, tão deshumana, que as não escutasse. Quem teria coração para resistir a queixumes tão suaves?

«Conspirava-me contra a terra e contra o ceo. Não podia alcançal-a, pois por toda a parte me surgiam obstaculos; não podia em muitas occasiões vê-la, porque se me escondia a cada ondulação do terreno!

«É comtudo, nem por isso desanimava. Seguia-a, continuava a segui-la... seguia-a sempre!

«Houve um instante em que, ao voltar de uma alameda, julguei alcançal-a. Ergui então a voz com quanta força tive; e de novo lhe dirigi as minhas rogativas namoradas.

«Pareceu-me notar-lhe certa hesitação. Vi-a deter-se um instante. Applaudi-me da minha victoria e do meu triumpho.

«Baldada esperanza!

«Novamente a vi correr, soltando estas palavras, que a brisa trouxe aos meus ouvidos:

«Um dia.»

«Seria uma esperanza ou um desengano?!

«Talvez que nem ella as tivesse pronunciado! que o rumorejar das arvores, agitadas pela brisa da noite, que já principiava a cobrir o horizonte, me trouxesse aquelle som que o cerebro escandecido interpretou por palavras suas!

«Talvez mesmo que fosse unicamente o der-

radeiro trinar de alguma avesinha despedindo-se do dia!

«Como foi ainda não sei. Vergou-me o corpo, dobraram-se-me as pernas, curvei os joelhos, e ergui as mãos para ella, como a supplicar-lhe piedade e compaixão.

«Era magestoso aquelle quadro!

«Recordae-vos de uma d'essas virgens que o poeta inglez creou nos seus romances; que corriam no meio da tempestade como uma flecha despedida do arco; que atravessavam os ares mais ligeiras que o relampago, mais brilhantes do que a aurora; que salvavam profundos abysmos qual a corsa da floresta! Imaginae uma filha de Odin, atravessando as mattas e os bosques mais espessos, e ante a qual parecia que os ramos e os troncos das arvores se afastavam para a deixar passar, sumindo-se ou roubando-se à vista momentaneamente, por entre as massas de gigantescos arbustos, para reaparecer depois no pin-carro mais alcantilado do rochedo, que a imaginação do homem não concebia que pé humano podesse trilhar, e para d'ali conjurar a natureza, reconhecendo unicamente supremacia no ceo, cujo azulado firmamento lhe servia como de docel, e contemplando inferior às suas plantas a terra, como um reino seu que lhe devia tributo de admiração!

«E ainda assim não se pode formar uma idéa da scena a que eu assistia.

«Solto ao vento fluctuava o seu vestido, alvo como a neve que se desprende em flocos das folhas e das flores do bosque, em que tropeçou ao cair das nuvens.

«Singelo na forma e no feitio, fechava-se-lhe como um collar em volta do pescoço, e vinha apertar-se-lhe na cintura, cingido por uma fita côr de rosa, cujas pontas desciam quasi a tocar-lhe nos pés.

«Os cabellos caíam-lhe em anneis por sobre os hombros.

«Uma das mãos que descansava sobre o peito, parecia ali collocada para lhe não deixar fugir o coração; e a outra, elegantemente estendida, apontava para o ceo, como a symbolisar a esperança e o infinito!

«Bem a custo os meus olhos a viam, que tão longe ella já ia de mim; e comtudo via-a ainda com os olhos d'alma! Tão gravada estava a sua memoria no meu coração, que bastava recolher-me em mim mesmo e procural-a n'elle para ahi a encontrar.

«Finalmente desappareceu, e para não mais a tornar a ver.

«No mesmo momento em que se escondia pelo escuro e denso do bosque, uma aurora boreal illuminava com o seu fogo magestoso aquella parte do globo por onde se sumira!

«Eram as portas do ceo que se abriam para dar entrada ao anjo, que da parte de Deus viera à terra cumprir uma missão.

«Parecia-me não ter acordado do sonho que a sua corôa de malmequeres me arrancara.

Acreditei que força maior me impellia ainda dormindo para aquelle logar, sem eu poder dizer como para ali viera!

«Ergui-me.

«A aurora boreal tinha succedido perfeita escuridão. Achava-me cercado de trevas. Aquelle sol que me allumiara, aquella luz que me dirigira, tinham-se extinguido para mim. Estava então mais cego que d'antes.

«Desesperado, e como fora de mim, deitei a correr para o sitio d'onde partira.

«Faltava-me o meu livro e ia buscal-o.

«Conheci que tudo quanto se passara não fôra sonho ou visão, e sim realidade.

«Junto ao logar onde estivera sentado, pendia de um ramo de madresilva um lenço de cambraia; e no chão, em vez do meu livro, achei as cartas tão poeticas, tão apaixonadas, tão repassadas de fogo, que tornaram celebres os amores de Heloisa e Abeilard.

«O lenço tinha no centro um B bordado a cabelle, e no quadro, junto à barra de abertos, a seguinte quadra franceza:

«Les chagrins ont toujours un remède assuré ;
Si, votre cœur comprend mes amoureuses peines,
Donnez-moi votre amour, que j'ai tant désiré,
E vous apaiserez vos douleurs, et les miennes.

«O livro estava marcado na seguinte pagina:

«Ouvii o mesmo ceo com pasmo e assombro,
Meus votos, mais por ti, do que por outro :
As paredes do templo se abalaram,
E do sol se empanou formoso brilho :
Mesmo a luz nos altares espargida,
Se cobriu d'uma côr triste e sombria !
Vem Abeilard ! oh ! vem luz dos meus olhos . . .
Onde estás ? . . . E fugiste ! . . . Ah impio fado,
De vél-o aqui tambem, oh não me prives,
Qu'outro mór bem no mundo eu já não tenho . . .
Junto a meu lado, sim, unido a mim
Vem renovar as ditas, os prazeres,
Que da terra nos faz um Paraiso,
Em terno amor prendendo as nossas almas . . .
Sinto abrasar-me . . . sim . . . de amor e fogo
Requeima o coração . . . devora o peito . . .
Ah ! deixa reclinar-me nos teus braços,
Os meus labios aos teus, juntos, prendidos,
As nossas almas n'uma confundindo,
O mesmo amor e fogo respirarem . . .
Recordas-te, Abeilard, d'esses momentos,
Instantes de prazer, delirio, encantos ? »

«Era uma prenda e uma lição de amor. Guardei a primeira, e resolvi seguir litteralmente a segunda.

Continua.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos
Os dissipadores, por Alfredo Hogan. — Preço
400 réis.